

Para Referenciar:

FREIRE, Paulo Alexandre Trindade; ZEFERINO, Hilário Mariano dos Santos. Sobre a metamorfose de Kafka e a ética da cooperação. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 21-30, novembro. 2020

Sobre a Metamorfose de Kafka e a Ética da Cooperação

Paulo Alexandre Trindade Freire¹ & Hilário Mariano dos Santos Zeferino²

Resumo: O texto que se segue visa construir uma exposição sobre o que é tratado na novela *A metamorfose* de Franz Kafka e relacionar os problemas de comunicação entre as personagens do livro com questões morais pautadas numa ética da cooperação, seguindo a proposta moral de Ernst Tugendhat. Pretendemos apontar as condições em que as personagens tomam as decisões mais relevantes (do ponto de vista moral) na história em questão, tentando compreender - a partir do pressuposto de uma ética da cooperação - *quem* se encontram incluídos no "jogo moral". Assim, buscaremos entender o significado de uma ética da cooperação em Tugendhat e a partir desta noção compreender por que as demais personagens de *A metamorfose* não teriam obrigação moral com Gregor Samsa quando este se encontra na condição de inseto.

Palavras-Chave: Ética. Comunicação. Cooperação. Kafka. Ernst Tugendhat.

Introdução

Privado de sua condição humana, Gregor Samsa se vê, também, excluído de situações cotidianas simples, tais como jantar à mesa com a família, mas que não preveem o corpo-inseto como possibilidade de protagonização ou participação.

O caixeiro viajante, ao acordar numa manhã qualquer, vê seu corpo metamorfoseado em um inseto descrito como de carapaça e perninhas balançantes,

¹ Graduando do curso de Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro bolsistas no PET-Filosofia da UFBA. E-mail: paulofreireale222@gmail.com.

² Graduando em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante do grupo do Programa de Educação Tutorial do curso de Letras da UFBA (PET-Letras/UFBA). E-mail: hilariozeferino@gmail.com.

Para Referenciar:

FREIRE, Paulo Alexandre Trindade; ZEFERINO, Hilário Mariano dos Santos. Sobre a metamorfose de Kafka e a ética da cooperação. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 21-30, novembro. 2020

logo sua família, nos quartos adjacentes, percebe algo de errado que acontece com ele, pois, como sujeito que vivia pelo próprio trabalho, o fato de ele ainda não estar de pé em tão avançado horário para seu costume era algo a se estranhar.

Percebendo seu atraso incomum, o gerente da empresa para a qual Samsa presta - ou prestou - serviço vai até sua casa procurar saber o que haveria acontecido. É por causa dessa situação que a família Samsa - e também o gerente - veem a forma insectóide do membro.

Após isso, Gregor Samsa se vê, em diversos momentos, com seu universo reduzido àquele quarto, onde passará os próximos meses até sua morte e, por mais que outras figuras surjam e frequentem a família, o contato com o inseto-Samsa é sempre tangente, insípido ou tenso, mas não por iniciativa dele, que, ao longo da novela, aparentemente não tem sua capacidade de raciocínio afetada.

No livro de Franz Kafka, as relações da família Samsa se veem metamorfoseadas a partir da metamorfose de Gregor. As convivências com o pai, a mãe e a irmã experimentaram uma distância maiores que as distâncias que se provoca com insetos. Gregor Samsa se tornou, então, um peso, especialmente para a irmã, que buscou, por certo tempo, cuidar mais frontalmente de sua alimentação.

Por alguns dos meses que se estendem ao longo da narrativa, a irmã Samsa é quem cuida de alimentar e identificar o que era do novo paladar e o que não era mais, ações que ela abandona em um dado momento. Esse abandono cerca Gregor Samsa também a partir de outras pessoas, como uma das empregadas que, quando imbuída da tarefa de descartar objetos, simplesmente os arremessava ao quarto já empoeirado de Samsa.

Da maneira como entendemos, a forma insectóide é, então, o fator determinante para o descaso relegado a Gregor Samsa. Não suficiente, evidenciamos algumas

Para Referenciar:

FREIRE, Paulo Alexandre Trindade; ZEFERINO, Hilário Mariano dos Santos. Sobre a metamorfose de Kafka e a ética da cooperação. In: **Argumento**, Salvador, n. 16. p. 21-30, novembro. 2020

leituras sobre isso, buscando concentrar nas aproximações linguísticas possíveis a partir da obra. Pensando, por exemplo, em que medida o fator comunicacional demarca as possibilidades de inclusão discursiva, ou seja, de que maneira podemos pensar a comunicação (no caso de Gregor, a falta dela) como um dos aspectos principais que permitem a inclusão ou exclusão no “discurso”; levando em consideração - com “discurso” - uma *comunidade moral*, “quem” deve ou pode ser incluído no grupo a que se deve um tratamento digno de jugo moral.

1- O problema da comunicação

A partir da questão "o que é e como funciona a linguagem humana?", a linguística gerativa surge como um modelo que tenta formular uma resposta em oposição ao behaviorismo. Para os behavioristas,¹ a linguagem humana é entendida como um condicionamento social (KENEDY, 2010, p. 128). Essa teoria entende a linguagem humana como algo externo, como hábitos adquiridos em resposta a estímulos, como, por exemplo, estímulos socioculturais, que se fixam no indivíduo por causa de padrões de repetição.

A isto Noam Chomsky profere uma crítica, pois ele percebe que a criação de frases inéditas é algo recorrente e sistemático da capacidade humana de falar (não que as frases sejam todas diferentes, mas suas formulações variam e por vezes fogem à previsibilidade). Nesse sentido, para Chomsky "a *criatividade* é o principal aspecto caracterizador do comportamento linguístico humano" (KENEDY, 2013, p. 128), além de ser ela - a criatividade - que, ainda de acordo com Chomsky, diferencia os sistemas de comunicação dos seres humanos dos sistemas de comunicação dos animais. A isso se soma, também, a característica de interface linguística que está presente na comunicação humana, ou seja, a língua.

¹ Trata-se aqui de Leonard Bloomfield e B. F. Skinner.

Para Referenciar:

FREIRE, Paulo Alexandre Trindade; ZEFERINO, Hilário Mariano dos Santos. Sobre a metamorfose de Kafka e a ética da cooperação. In: **Argumento**, Salvador, n. 16. p. 21-30, novembro. 2020

Assim, se partirmos do pressuposto de que a criatividade é o principal aspecto do nosso comportamento linguístico (seguindo a proposta de Chomsky), perceberemos que o modelo behaviorista é capaz de dimensionar pouco da capacidade comunicativa humana, considerando, pois que ele, não comporta a criatividade. Em outras palavras, dado que, para os teóricos do behaviorismo o comportamento linguístico dos seres humanos é previsível, já que é por hábito e se encontra no circuito estímulo-resposta, é precário, nessa teoria, a consideração sobre a criatividade linguística de falantes. Portanto, o gerativismo, como modelo posterior e decorrente à crítica de Chomsky ao behaviorismo e que comporta a criatividade, é capaz de superar e substituir o modelo behaviorista - e foi o que ocorreu.

Na esteira do que foi comentado anteriormente, consideramos possível entender, a partir de Kafka, em seu texto *A metamorfose*, um problema de ordem comunicativa. Problema esse que entendemos que estaria para além das mobilizações de linguagem entre os personagens da novela, pois, segundo o citado Chomsky e a teoria gerativista, a linguagem seria uma capacidade única e exclusivamente humana. Aqui evidenciamos que Gregor Samsa, ainda que entendamos que guarda alguma habilidade psicológica do ponto de vista do leitor, não corresponde mais a uma figura humana dentro da novela e em relação aos outros personagens, logo, o problema da comunicação está atravessado pela figura que corresponde a Gregor Samsa após sua metamorfose.

1.1- Possibilidades morais

[...] Não me parece evidente, que em todos os casos onde, a partir de razões teóricas, podemos admitir que um animal sofre, também possamos sofrer (= ter compaixão) com ele, e a norma então não se estabeleceria por compaixão. Ter compaixão parece somente possível em animais que têm uma reação diante da dor (*schmerzyerhalten*), a qual seja identificável para nós, portanto, em animais vertebrados e sobretudo mamíferos. Já com insetos será mais difícil; [...] (TUGENDHAT, 1996, p. 202).

Para Referenciar:

FREIRE, Paulo Alexandre Trindade; ZEFERINO, Hilário Mariano dos Santos. Sobre a metamorfose de Kafka e a ética da cooperação. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 21-30, novembro. 2020

É relevante para nós este comentário sobre uma possibilidade de aplicação de uma ética cujo princípio moral fundamental fosse a compaixão e sua extensão, justamente porque mesmo utilizando o critério da compaixão (ética de Schopenhauer), ainda assim, os insetos provavelmente não estariam inclusos, e isto nos serve para pensar a situação de Gregor Samsa em *A Metamorfose*. Aparentemente não há nenhum sistema em que ele - na condição de inseto - estaria inserido dentro da comunidade moral (no sentido moderno do termo moral; um conjunto de regras e obrigações para a direção da conduta).

Se pensarmos no utilitarismo, ele - Gregor - estaria excluído por estar *prejudicando* a família e às pessoas a sua volta. Diríamos que ele se tornou "um peso morto" para estas pessoas ²; na hipótese de uma moral cujo princípio seja o da compaixão já vimos que muito provavelmente ele estaria excluído também, pois como foi dito, é bem mais difícil sentir compaixão com um inseto e, portanto, não seria possível estabelecer um critério moral com base na compaixão para o trato com ele; nem mesmo se partíssemos de uma moral como a de Kant, pois ela se estende apenas "a todos os seres racionais" e - apesar de não ficar evidente se ele continua um ser racional quando metamorfoseado - aparentemente, inclusive pela dificuldade de comunicação ³, fica muito difícil considerar um inseto um ser racional; também, no que diz respeito a uma ética da cooperação, as personagens ao redor de Gregor não

² Em relação a isto é importante ressaltar que um preceito básico do utilitarismo é que o valor moral de uma ação está na quantidade de mal (não na de bem), assim, uma ação com valor moral para o utilitarismo é aquela cuja consequência contém a menor quantidade de mal possível. Com base nessa ideia, poderíamos dizer que a família de Gregor agir de maneira imprudente com ele significa simplesmente "se livrar de um problema", pois como dito, a presença dele e a relação com ele causa "mal" para mais pessoas do que a sua ausência e a *não-relação* com ele.

³ Nos parece relevante reiterar que, assim como vimos com a proposta de Chomsky, de maneira geral a comunicação ou a possibilidade dela, é um fator determinante para uma comunidade - se não moral, ao menos humana - ao que nos leva a pensar como poderia Gregor ser incluído nessas comunidades.

Para Referenciar:

FREIRE, Paulo Alexandre Trindade; ZEFERINO, Hilário Mariano dos Santos. Sobre a metamorfose de Kafka e a ética da cooperação. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 21-30, novembro. 2020

o tomaria como objeto de obrigações morais, pois ele não cumpre os critérios para inserção na *comunidade* moral ⁴. Ele não pode se comunicar, nem pode firmar compromisso moral (não pode fazer promessas, tampouco pode "cumpri-las") e, ademais, as personagens não teriam garantia alguma em relação ao modo de ação dele, por estar na condição de inseto, pois para elas - a certa altura da história - não se trata do Gregor que conheciam, mas de outra *coisa*, que é totalmente imprevisível e que também não tem obrigação moral em relação a elas (e por isso, aparentemente, causa medo e repulsa).

1.2- Comunicação e linguagem

Ainda que, pelo que se pode depreender a partir da narrativa, o funcionamento psicológico de Gregor Samsa pareça ter se mantido inalterado apesar da metamorfose por ele sofrida, tal como comentamos anteriormente, sua aparência física insectóide agora disparava processos diversos da aparência humanóide nas pessoas com quem ele tinha contato, contudo, como dito anteriormente, sua forma de comunicação já não existia mais. É interessante salientar que, acordando com estudos linguísticos sintetizados em Barros (2011), os estudos de língua, em especial sob o enfoque que estamos elencando aqui, são estudos que consideram como base de sua construção que a capacidade de comunicação é única e exclusivamente humana. Isso necessariamente significa dizer que entidades não-humanas não são capazes de estabelecer comunicação, partindo do pressuposto que comunicação implica uma faculdade da linguagem, que é possível, apenas, para seres dotados

⁴ Isso significa, como exposto no texto, que ele não cumpre os "critérios" elencados por Tugendhat (1996), principalmente por não poder cooperar, ou seja, ele não pode dar garantias alguma aos demais de que ele agiria com base em determinações morais, muito pelo fato de uma comunicação não poder ser estabelecida, assim, ele não pode fazer promessas, nem cumpri-las, o que leva a uma exclusão da comunidade moral. Na lição nove do livro, Tugendhat chama atenção para o fato das crianças pequenas também não poderem, de imediato, cumprir com alguns critérios, questão que é resolvida a partir da constatação da possibilidade que as crianças têm, pois elas logo poderão se comunicar e cooperar. Para o caso de Gregor já não seria possível levar essa possibilidade em consideração.

Para Referenciar:

FREIRE, Paulo Alexandre Trindade; ZEFERINO, Hilário Mariano dos Santos. Sobre a metamorfose de Kafka e a ética da cooperação. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 21-30, novembro. 2020 desse órgão mental (KENEDY, 2013).

Dito isso, é importante considerar os “diálogos”⁵ presentes em alguns momentos do livro, pois eles dão certa demonstração de como não havia comunicação entre Gregor e os seres humanos, tais como os momentos nos quais sua família tenta acordá-lo para trabalhar e logo percebem que: “- Ele não está bem - disse a mãe ao gerente quando o pai ainda falava junto à porta. - Ele não está bem, acredite em mim, senhor gerente. Senão como Gregor perderia um trem? Esse moço não tem outra coisa na cabeça a não ser a firma” (KAFKA, 1997, p. 17).

Conforme Paulo A. T. Freire

Kafka nos possibilita pensar outras dificuldades, a saber, que a comunicação entre os seres humanos não é “facilidade” por si mesma por fazer parte da nossa condição. Isto fica evidente principalmente em “interpretações errôneas” que os personagens incorrem porque a comunicação não é precisa, por exemplo quando o pai de Gregor toma uma dada posição por causa de uma fala da sua irmã: *Para Gregor era evidente que o pai havia interpretado mal a comunicação demasiado breve de Grete e assumido que Gregor era culpado de algum ato de violência.* (KAFKA, 1997, p. 55) (FREIRE, 2019)

O momento de estranhamento da mãe com relação ao comportamento inusual de Samsa diz dos rastros do comportamento prévio que ele empreendia cotidianamente. No que diz respeito à comunicação que se tentava estabelecer com Samsa ainda trancado no quarto e seus pais - suas respostas - recebiam respostas mal dimensionadas para o que ele enunciava.

⁵ Diálogos aparece aqui entre aspas de forma a evidenciar um dos princípios dos quais fala Tugendhat (1996) comentando Habermas, quando afirma que a comunicação prescinde uma situação ideal de fala que possui alguns pré-requisitos, dos quais aqui evidenciamos o terceiro do qual o autor fala, que “[...] todos os falantes devem ‘ter chances iguais... para expressar suas atitudes, sentimentos e intenções’” (TUGENDHAT, 1996, p. 164).

Para Referenciar:

FREIRE, Paulo Alexandre Trindade; ZEFERINO, Hilário Mariano dos Santos. Sobre a metamorfose de Kafka e a ética da cooperação. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 21-30, novembro. 2020

Duas situações se põem: a primeira é que Samsa “percebe” que sua comunicação com a família está comprometida de tal maneira que se pode questionar como os sons que podemos entender como uma pretensão comunicativa de sua parte estavam sendo recebidos pela sua família; a segunda é que as formas não verbais de comunicação que Gregor tentou empreender também não foram felizes, ou seja, não obtiveram sucesso no estabelecimento de comunicação.

Observamos as situações postas anteriormente a partir das cenas de tentativa de retirada dos móveis do quarto de Samsa, momento no qual, como quem tenta responder a isso, ele põe o próprio corpo entre as ações de retirada e os móveis. Essa ação, por mais que feita de forma a se configurar como uma ação que comunique algo, não obteve interlocutor para concluir seu processo.

As ações de Gregor eram interpretadas como ações dotadas de tons agressivos, por mais que, como descrito anteriormente e presente na novela, alguns aspectos “cooperativos” pertencentes a ele - independentemente de sua forma física - se mantiverem inalterados.

Conclusão

Quando, ao final do livro, a morte de Gregor Samsa se consolida, sua família se percebe já distante dele e reorganizada segundo lógicas que não o previam como elemento - periférico ou central - da sistematicidade agora orgânica neles.

No momento final Kafka nos permite ver como a comunicação entre os próprios membros da família era ruim, pois mal sabiam dos planos que tinham para o futuro e quando percebem que ainda havia esperanças, já posteriormente à morte de Samsa, parece que a comunicação entre eles é *re-estabelecida*.

Para Referenciar:

FREIRE, Paulo Alexandre Trindade; ZEFERINO, Hilário Mariano dos Santos. Sobre a metamorfose de Kafka e a ética da cooperação. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 21-30, novembro. 2020

Diante do que expusemos sobre os elementos morais presentes na relação comunicativa (ou não) entre as personagens da novela kafkiana, podemos pensar que o tipo de moral estabelecida é a da cooperação, cujos critérios estão de certa forma dentro daquilo que falamos sobre o que afirma Tugendhat em seu *Lições sobre ética*. A partir dessa reflexão que foi ensaiada aqui, entendemos a cooperação como essa inserção na comunidade moral (que guarda relação com a capacidade de comunicação) e a possibilidade de um “retorno” moral, que pelo fato de Gregor Samsa não fazer o uso da mesma estratégia comunicativa e por não poder estabelecer uma relação de confiança com as demais personagens, exclui o inseto da comunidade moral e por isso toda e qualquer ação das personagens em relação a ele não podem ser julgadas de um ponto de vista moral, assim, podemos afirmar que a experiência que Kafka nos proporciona ao lermos *A metamorfose* é a de pensarmos os elementos que possivelmente compõem o campo de imputação moral com base nos problemas relacionados à comunicação - capacidade humana.

Para Referenciar:

FREIRE, Paulo Alexandre Trindade; ZEFERINO, Hilário Mariano dos Santos. Sobre a metamorfose de Kafka e a ética da cooperação. In: **Argumento**, Salvador, n. 16. p. 21-30, novembro. 2020

Referências:

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A comunicação humana. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística I. Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 25-54.

FREIRE, Paulo Alexandre Trindade. **A metamorfose de Kafka e a importância da comunicação**. Disponível em: < <https://medium.com/@paulofreireale222/a-metamorfose-de-kafka-e-a-import%C3%A2ncia-da-comunica%C3%A7%C3%A3o-81abdd6d1848> > Acesso em: 19 de setembro de 2019.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 127-140.

TUGENDHAT, Ernst. Oitava lição: A ética do discurso. In: TUGENDHAT, Ernst. **Lições sobre ética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 161-176.

TUGENDHAT, Ernst. Nona lição: A ética da compaixão; animais, crianças, vida pré-natal. In: TUGENDHAT, Ernst. **Lições sobre ética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 177-196.